



O Sistema de Saúde de Brasília enfrenta a pior crise de sua história

Sem equipamentos, saúde entra em coma profundo

Não é exagero dizer que o sistema de saúde está entre a vida e a morte. A falta de equipamentos, reagentes para exames laboratoriais, medicamentos e material generalizado de consumo deixou o setor na pior crise já vivida na história de Brasília.

Diante do desespero da população, sindicatos, federações, associações e outras entidades ligadas aos profissionais de saúde — sem condições de trabalho — estão promovendo uma campanha sobre o assunto, veiculada pelas emissoras de rádio e televisão, criticando o GDF.

Ao mesmo tempo, o governador Wanderley Vallim e o secretário da Saúde, José Richelieu, vêm se empenhando para conseguir, junto ao Governo Federal, verba para o setor.

DÉFICIT

O sistema de saúde do DF é responsável por 85 por cento dos atendimentos médicos. Pelo me-

nos 40 por cento dos pacientes que recorrem à rede são provenientes de outros estados. Além disso, o Distrito Federal recebe a grande maioria dos moradores da região do Entorno nessa área. De acordo com José Richelieu, há um déficit de quatro hospitais regionais e oito centros de saúde.

O secretário de Saúde distribui os quatro hospitais da seguinte forma: um no Gama, um no Guará e dois no complexo Ceilândia, Taguatinga, Samambaia e assentamentos. Agora que Brasília chegou à casa dos 30, ressalta Richelieu, deve-se rever o nível de atendimento dos hospitais, regionalizando-o, descentralizando-o e, o que nunca se conseguiu fazer de fato, hierarquizando-o. Nesse último item, os casos considerados primários iriam para os centros de saúde, os secundários aos hospitais regionais e os terciários e quarternários ao Hospital de Base.